

Redação em Gotas

Edição nº 35

Prof.^a Dr.^a Daniela de Freitas Marques

Dica: O eufemismo e a realidade. Debret e Luiz Gama. Primeira parte.

A sofrida realidade tingiu-se de suave paleta de cores, como os casarões refletidos no vai-e-vem das marés, a mostrar a singela beleza de Paraty – a sua paisagem imortalizada por Jean-Baptiste Debret, em 1827 – pairando suave, como um eufemismo, nas rudes palavras e contendas da História e do Direito. As pinturas do período colonial brasileiro retratam as nossas paisagens, os nossos costumes e o nosso povo. De pouco valor literário e de grande valor histórico, o livro de Debret, “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”,¹ foi traduzido por Sérgio Milliet, porque: “(...) nem só de literatura vive o homem; ao contrário, cada vez menos vive dela. E cada vez mais de documentos, de dados objetivos, úteis à solução de seus problemas hodiernos.”

Esquecer o passado torna corações feito gelo, edulcorá-lo volve-se à ilusão e às memórias fabricadas – nas litografias de Debret vemos os brasileiros, as famílias coloniais e os ofícios diversos no Rio de Janeiro e (quase sempre) o constante registro da escravidão e das punições ignominiosas: “(...) todos os dias, entre 9 e 10 horas da manhã, pode-se ver sair a fila de negros a serem punidos; vão eles presos pelos braços, de dois em dois, e conduzidos sob escolta da polícia até o local designado para o castigo, pois existem em todas as praças mais frequentadas da cidade pelourinhos erguidos com o intuito de exibir os castigados que são em seguida devolvidos à prisão.”²

No vai-e-vem da história, mutável e caprichosa, na cidade de Salvador, na província da Bahia, eclode a **Revolta dos Malês**, datada de 1835, tida como a maior rebelião de escravos do Brasil – foram participantes mais de 600 escravos urbanos, dos povos iorubá (nagô), haússa e tapa – vestiam abadás brancos e usavam amuletos com passagens do Alcorão. A revolta foi debelada e aos sobreviventes da última batalha, na **Água dos Meninos**, foram reservados a prisão, o açoite, a deportação e a pena de morte por fuzilamento.

A mãe de Luiz Gama, **Luiza Mahin**, teria participado da **Revolta dos Malês**.

“**Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa Mina, (Nagô de Nação) de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa. Dava-se ao comércio – era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito. Era dotada de atividade. Em 1837, depois da Revolução do Dr. Sabino, na Bahia, veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurei-a em 1847, em 1856 e em 1861, na Corte, sem que a pudesse encontrar. Em 1862, soube, por uns pretos minas, que conheciam-na e que deram-me sinais certos que ela, acompanhada com malungos desordeiros, em uma ‘casa de dar fortuna’, em 1838, fora posta em prisão; e que tanto ela como os seus companheiros desapareceram.**”³

E o filho de Luiza Mahin, **Luiz Gama**, *advogado com provisão concedida pelo Império*, com o Direito e por meio do Direito, conseguiu a liberdade de vários escravizados em diversas províncias brasileiras, com fundamento na Lei Feijó, a Lei de 7 de novembro de 1831.

“A Regencia, em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, Faz saber a todos os Subditos do Imperio, que a Assembléa Geral Decretou, e Ella Sancionou a Lei seguinte:

Art. 1º Todos os escravos, que entrarem no territorio ou portos do Brazil, vindos de fóra, ficam livres”.

Luiza Mahin e a **escrava Anastácia**, a mãe e o símbolo da devoção e do sofrimento, foram devoradas pelo tempo – *como todas as almas estão fadadas* – e pairam hoje no profundo azul da liberdade, sem a máscara de Flandres, os colares de punição, os arganéis e os açoites que ainda não foram lavados (*e nem jamais o serão*) pelo vai-e-vem das marés.

¹ DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Biblioteca Histórica brasileira. Tomo I (volume I e II). São Paulo: Livraria Martins. 1940. 289p.

² *Ibidem*. p. 264.

³ FERREIRA, Lígia Fonseca (Org.). *Com a palavra, Luiz Gama*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011, p. 199-203.